



UM CAIXEIRINHO EM FORTALEZA

Paracuru não contava ainda quando do nascimento de Antônio Sales com um grupo escolar e, por isso, o menino estudando com o pai as primeiras letras já aos cinco anos de idade lia com facilidade. Tanto que ao se fundar por lá a primeira escola primária o pequeno e franzino Antônio nela ingressaria alfabetizado em contraste com os demais companheiros, analfabetos e bem taludinhos.

O seu professor Moreira, avançado para a época em assuntos pedagógicos, criara em aula dois partidos, o troiano e o grego, este sob a chefia do nosso biografado, com o fito de estimular as crianças ao estudo. E aos sábados, a grande decisão entre as duas facções e o consagrado direito, à vencedora, de sair à rua em passeata, desfilar com a bandeira à frente, cantando o hino escolar e dando vivas ao colégio.

O pai de Antônio, Miguel, considerado o mais respeitado comerciante da localidade e proprietário da melhor casa da vila, por ele próprio construída, cegou repentinamente e a fortuna, amealhada a pouco e pouco, cedo se desfez. Miguel era de pouca instrução, gostava de política e de declamar versos de Gonçalves Dias, Casimiro, Domingos Magalhães e de Antônio Bezerra. Aparecera mesmo por Paracuru um vendedor que presenteara o menino Antônio com o volume Serões Fluminenses, uma seleta de poesias para recitativo ao piano. E numa das viagens do comerciante Miguel a Fortaleza ele não esquece de levar ao filho o Primavera.

Estávamos em 1878, segundo ano da terrível calamidade registrada com fidelidade na História da Seca do Ceará de Rodolfo Teófilo. Miguel não resiste a tanta miséria e se transfere com a família para Soure. E também aí encontraria melhor campo para continuar com a educação de seus filhos Antônio e Adolfo agora freqüentando as aulas do Professor Emídio Delfino de Moura.

Aos doze anos de idade, em 1880, Antônio terminava seu curso primário com notas brilhantes em aritmética e com os Lusíadas na ponta da língua.

Dos doze aos quatorze anos andaria vadiando, ora a pé, ora a cavalo, pelas estradas de Itaimbé, Picu, Camurupim, ora percorrendo o Sítio do Poço, do tio José Sales, o Capitão Galdino das Aves de Arribação. Por inúmeras vezes ajudava a missa oficiada pelo então vigário, depois Monsenhor Leopoldo de Araújo Feitosa, pároco de Soure durante oito anos, amigo da família, o Padre Balbino das Aves de Arribação. O amor pelas línguas e em especial pela inglesa, deve-o ao Padre Leopoldo, colaborador do órgão católico Verdade e que o presenteara com uma gramática inglesa do Mota. Mas o rapazinho Antônio preferia, aos livros escolares, o convívio com os personagens dos romances de Gaboriau, Dumas, Gonzalez, Alencar, Escrich, Macedo e a companhia dos bons poetas.

Em 1882 Miguel já não tinha mais condições financeiras de continuar mantendo em casa o seu filho mais velho, agora com quatorze anos de idade. Vem até Fortaleza e consegue junto à casa comercial de Jesuíno Lopes de Maria um modesto lugar de caixeiro para seu filho mediante o ordenado mensal de vinte e cinco mil réis com direito a casa e comida.

Embora lhe fosse dado o encargo de auxiliar de escrita do armazém de secos e molhados de Jesuíno, mas tarde vereador da Câmara Municipal de Fortaleza, estabelecimento localizado à Praça do Ferreira n.º 9, no antigo prédio da Prefeitura, ainda Antônio se obrigava a cozer fardos de fazenda, arrumar barricas de miudezas e vender a retalho no balcão quando lhe dessem tempo as faturas. Era ele quem abria a loja às seis da manhã e somente depois das onze horas da noite conseguia recolher-se ao quarto para chorar.

Embora tratado com carinho e considerado pessoa da família de seu primeiro patrão mas separado e longe dos pais, sozinho na cidade grande, enfrentava a *"rude e dolorosa aprendizagem da vida prática"*. Com saudades da priminha que deixara na vila, comete o pecado de armar um acróstico e que lhe seria devolvido quando do noivado de sua primeira inspiradora . . .

Um dia Antônio adoece, volta a casa de seus pais em Soure e restabelecido, empregava-se em Fortaleza na casa Au Phare de La Bastille, de Levy Frères, com filial em Aracati, firma dirigida por Natalino Levy, homem de maneiras rudes mas de coração generoso. Quem sabe se o contato com essa firma de tradições francesas não o despertaria para a sua grande e eterna admiração por tudo o que cheirasse à França?

E é como caixeirinho do Levy que Antônio começaria a sentir os primeiros pruridos literários, doença incurável que nunca mais o abandonaria . . .